

Adelmir Fiabani

*Mato, Palhoça e Pilão. O Quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)*

Editora Expressão Popular, São Paulo, 2005

José Capela

Este estudo remata com uma análise à evolução semântica a que o termo *Quilombo* foi sujeito nos anos oitenta do século XX. Diligências políticas levaram a que a Associação Brasileira de Antropologia formulasse um critério para a definição histórica do Quilombo com aplicação específica a casos actuais. Para além do caricato de que possa revestir-se o despropósito, verifica-se aí até que ponto a presença simbólica do escravismo pesa no consciente social brasileiro.

A grande envergadura atingida pela quantidade dos escravos foragidos com todas as consequências inerentes é um dado recorrente nas sociedades escravistas e, no Brasil, surgem cadenciadamente estudos a propósito. No caso em apreço, a Parte I é dedicada à historiografia do Quilombo abordada de uma forma crítica, embora sucinta. Desde o holandês Gaspar van Barleu (1584-1648) com a *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil*, passando pelo baiano Rocha Pita (1660-1739) com a *História da América Portuguesa*, passando por Gilberto Freire, Gorender, Reis/Gomes, Maestri e muitos outros até à história de finais de oitocentos, contada por Eduardo Silva, no século XXI, de *As camélias de Leblon*.

A carga emocional que marca indelevelmente grande parte da bibliografia referida não tolheu o sentido crítico do autor pelo que essa Parte I do estudo se torna do maior proveito a quem pretenda abordar o tema. Da mesma utilidade próxima se reveste a Parte III que comporta as «Visões da Antropologia sobre o Quilombo». Que a Antropologia e os Quilombos se perfilam no *ethos* brasileiro, de tal fará prova a promulgação do decreto de 10 de Setembro de 2001 que invoca a ocupação de terras por quilombos em 1888 para reconhecer a propriedade actual sobre as mesmas terras quando ocupadas por remanescentes desses

mesmos quilombos. E decreto com suporte historiográfico e antropológico subscrito pelo Presidente, antropólogo de profissão. A densidade de carácter psicológico com que estas questões estão a ser debatidas no Brasil é deveras estimulante e transparece claramente destas páginas. Também por isso se lêem com prazer não menos que com o proveito de melhor conhecer a sociedade brasileira, inclusive na sua relação com o passado.